II JORNADA NACIONAL DE EXTENSÃO DA UEMA
II FÓRUM ACADÊMICO INDÍGENA DA UEMA
TEMA: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DESENVOLVIMENTO SOCIOPRODUTIVO
27 A 29 DE MAIO | UEMA SÃO LUÍS-MA
REALIZAÇÃO: Uema Proexae APOIO: ISPN PiPoLL VALE

Território de Almas e Mãos Negras: Protagonismo Feminino na Resistência Quilombola de Saco das Almas em Brejo - MA

Kerlyane Santos Conceição
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Vanderson Viana Rodrigues
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Lyandra Ferreira Rabelo
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Resumo: A comunidade quilombola de Saco das Almas, localizada no município de Brejo (MA), enfrenta intensos conflitos fundiários decorrentes da expansão do agronegócio e da morosidade do Estado no processo de titulação territorial, iniciado em 2004 e ainda em tramitação no INCRA. Diante desse cenário, o presente resumo expandido investiga o protagonismo das mulheres quilombolas na resistência territorial, analisando em que medida o feminismo negro quilombola atua como força organizadora dessa luta. A pesquisa, de abordagem qualitativa e histórico-geográfica, fundamenta-se em análise documental, dados secundários (IBGE, INCRA e relatórios antropológicos) com trabalho de campo e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam que as mulheres são protagonistas centrais na manutenção das práticas agrícolas e extrativistas tradicionais, na transmissão intergeracional de saberes e na organização coletiva de mobilizações e denúncias contra a expropriação. Em Saco das Almas, a memória coletiva, a identidade quilombola e o protagonismo feminino configuram estratégias eficazes de resistência, transformando o território em espaço de afirmação e luta pela permanência.

Palavras-chave: Quilombolas, Feminismo negro, Territorialidade.

Territory of Souls and Black Hands: Female Protagonism in the Quilombola Resistance of Saco das Almas, Brejo - MA

Abstract: The quilombola community of Saco das Almas, located in the municipality of Brejo (MA), faces intense land conflicts resulting from the expansion of agribusiness and the State's delay in the territorial titling process, which was initiated in 2004 and remains under review by INCRA. In this context, the present expanded abstract investigates the protagonism of quilombola women in territorial resistance, analyzing to what extent black quilombola feminism acts as an organizing force in this struggle. The research adopts a qualitative and historical-geographical approach, based on documentary analysis, secondary data (IBGE, INCRA, and anthropological reports), fieldwork, and semi-structured interviews. The results show that women are central protagonists in maintaining traditional agricultural and extractive practices, in the intergenerational transmission of knowledge, and in the collective organization of mobilizations and complaints against territorial expropriation. In Saco das Almas, collective memory, quilombola identity, and female protagonism constitute effective strategies of resistance, transforming the territory into a space of affirmation and struggle for permanence.

Keywords: Quilombolas, Black Feminism, Territoriality.

Kerllyanesantos11@gmail.com, Vanderson2016rodrigues@gmail.com, lyandraf97@gmail.com;

1. Introdução

A comunidade quilombola de Brejo, conhecida como Saco das Almas, localiza-se na zona rural do Maranhão e reúne cerca de 1.298 famílias distribuídas em sete microcomunidades. Sua origem está associada ao ancestral Timóteo, que teria recebido as terras após participar da Guerra da Independência do Brasil. Atualmente, a comunidade preserva práticas culturais tradicionais e enfrenta conflitos territoriais causados pela expansão do agronegócio e pela demora na regularização fundiária iniciada em 2004 pelo INCRA.

O estudo aborda os conflitos fundiários e a luta pelo reconhecimento dos territórios quilombolas, destacando especialmente o protagonismo das mulheres quilombolas na resistência contra a expropriação territorial. A pesquisa busca compreender como o feminismo negro quilombola atua como força organizadora dessa resistência, fortalecendo a identidade coletiva, a memória e as estratégias de permanência no território.

A comunidade sofre impactos provocados pelo avanço das monoculturas de soja e eucalipto, pela contaminação das águas por agrotóxicos e pelas migrações forçadas, fatores que ameaçam os modos de vida tradicionais. Mesmo após duas décadas, o processo de titulação das terras permanece sem conclusão, evidenciando a negligência do Estado diante das demandas quilombolas.

Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa e histórico-geográfica, utilizando levantamento bibliográfico, análise documental e dados do IBGE, INCRA e Comissão Pró-Índio de São Paulo. O trabalho de campo será realizado principalmente na Vila das Almas, com entrevistas semiestruturadas, observação participante e registros cartográficos, buscando compreender a atuação das mulheres quilombolas na defesa do território e da identidade comunitária.

2. Material e Métodos

A pesquisa que embasa este resumo expandido tem natureza qualitativa, com abordagem histórico-geográfica, o levantamento de dados secundários recorreu a fontes como o Censo Demográfico 2022 do IBGE, os processos administrativos do INCRA (especialmente o processo 54230.003791/2004-87), os laudos e relatórios antropológicos produzidos sobre o território e os dados da Comissão Pró-Índio de São Paulo (2025).

O trabalho de campo, previsto para etapas posteriores do projeto, concentrar-se-á especialmente na Vila das Almas, a mais representativa das sete comunidades que compõem o quilombo, por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres quilombolas, observação participante e registros cartográficos. A escolha metodológica pela abordagem qualitativa justifica-se pela natureza do objeto: a resistência territorial e o protagonismo feminino quilombola demandam uma compreensão que vai além dos dados quantitativos, exigindo escuta e interpretação das narrativas, da memória e das práticas cotidianas.

A análise documental abrangeu legislação pertinente (Constituição Federal de 1988, Decreto 4.887/2003, Lei nº 269/1948 que criou o município de Brejo), além de publicações

Kerllyanesantos11@gmail.com, Vanderson2016rodrigues@gmail.com, lyandraf97@gmail.com;

acadêmicas sobre territorialidade, identidade quilombola, feminismo negro e conflitos fundiários no Maranhão.

3. Resultados

3.1 Contextualização do município e da comunidade

O município de Brejo, localizado no estado do Maranhão, possui população de 34.120 habitantes (IBGE, 2022), área territorial de aproximadamente 1.073,258 km² e PIB per capita de R$ 12.498,2 (2023), indicadores que revelam os desafios socioeconômicos do território. A história do município remonta ao século XVII, marcada inicialmente pela presença indígena dos anapurus e, posteriormente, pela colonização portuguesa e pelos conflitos da Balaiada (1838–1840), que, conforme Santos (1998, p. 21), foi "um movimento de revolta de caráter popular [...] marcado pela pluralidade de características contraditórias e diversificadas, cujos matizes são definidores de sua natureza sertaneja".

A comunidade quilombola de Saco das Almas situa-se na zona rural de Brejo e é formada por sete vilas. O processo de titulação foi aberto em 2004 e permanece em tramitação no INCRA (processo 54230.003791/2004-87), evidenciando as dificuldades na efetivação do reconhecimento fundiário, que envolvem interesses conflitantes entre a comunidade e grandes proprietários rurais.

A origem da comunidade de Saco das Almas está associada ao ancestral Timóteo, que, segundo Ayres (2002), teria recebido as terras denominadas "Data Saco das Almas" como recompensa por seus serviços na Guerra da Independência do Brasil (1822). Essa narrativa fundadora é central para a identidade coletiva e para a reivindicação territorial do grupo, pois ancora o direito à terra em um ato de bravura e de reconhecimento oficial.

O conceito de território adotado neste trabalho fundamenta-se em Haesbaert (2023, p. 6), para quem o território "pode ser definido como o espaço construído/construtor de relações de poder, tanto no sentido mais estritamente social (político-econômico e simbólico-afetivo) quanto no sentido da interação indissociável com as chamadas forças da natureza". Nessa perspectiva, a territorialização de Saco das Almas não se limita à ocupação física da terra, mas envolve práticas sociais, culturais e políticas que garantem a permanência do grupo enquanto sujeito coletivo.

Do ponto de vista socioespacial, Saco das Almas configura-se como um território de uso comum historicamente fragmentado, em 1975, uma intervenção do INCRA dividiu a área original de aproximadamente 23 mil hectares, destinando aos quilombolas uma parcela menor e menos fértil. Esse assentamento emancipado apresenta casas concentradas em lotes urbanos de um hectare e áreas de trabalho em condomínios, contrastando com a visão da comunidade, que entende o território como uma unidade inseparável.

A base econômica da comunidade está intrinsecamente ligada à terra e aos seus recursos a agricultura de subsistência (mandioca, milho, feijão), frequentemente organizada

Kerllyanesantos11@gmail.com, Vanderson2016rodrigues@gmail.com, lyandraf97@gmail.com;

por mutirões, e o extrativismo do babaçu, do bacuri e do pequi constituem os pilares da reprodução familiar. As mulheres desempenham papel fundamental nessas atividades, contudo, a expansão da soja e do eucalipto tem destruído áreas de chapada, contaminado as águas com agrotóxicos e forçado migrações sazonais, ameaçando a continuidade dessas práticas tradicionais.

4. Resistência, identidade e feminismo negro quilombola

Os conflitos fundiários em Saco das Almas exemplificam o que Oliveira (2015, p. 39) denomina como a luta dos quilombolas pelas “demarcações de seus territórios de vida”. A trajetória da comunidade é marcada por expropriações sistemáticas dos fazendeiros no início do século XX, da demarcação arbitrária do INCRA em 1975 que, conforme Furtado (2014), “desrespeitou exatamente a condição de etnicidade dos sujeitos sociais envolvidos” ao atual cerco dos monocultivos do agronegócio.

Nesse contexto, a memória coletiva emerge como força viva de mobilização social. Almeida (2008, p. 30) salienta que a noção de “tradicional” incorpora “as identidades coletivas redefinidas situacionalmente numa mobilização continuada”, o que evidencia o caráter dinâmico e político da identidade quilombola. A autoafirmação como quilombola, ancorada em uma longa história de resistência e em um modo de vida camponês em território de uso comum, tornou-se instrumento central no embate contra os fazendeiros e em favor do reconhecimento fundiário.

O protagonismo das mulheres nessa luta remete à trajetória do feminismo negro quilombola no Brasil. Nascimento (2021, p. 241) afirma que “o quilombo é memória, é história, é o ser [...]. Era o nosso lema para a recuperação de nossa identidade, ancestralidade, de ser no mundo adverso”. As mulheres quilombolas de Saco das Almas não apenas mantêm práticas extrativistas tradicionais, mas posicionam-se na linha de frente da resistência territorial, organizando-se coletivamente, articulando denúncias ao Ministério Público Federal e reafirmando sua identidade.

O feminismo negro quilombola está presente em Saco das Almas, onde e como ele aparece encontra resposta preliminar no próprio cotidiano de resistência das mulheres da comunidade na transmissão intergeracional de saberes, na organização coletiva, nas narrativas orais que sustentam a memória do quilombo e na luta pela titulação definitiva do território.

5. Conclusões

O presente trabalho abordou a formação histórica, a territorialização e a organização socioespacial da comunidade quilombola de Saco das Almas, com ênfase nos conflitos fundiários e no papel das mulheres na resistência territorial. O objetivo central foi compreender como a memória coletiva, a identidade quilombola e, especialmente, a

atuação das mulheres constituem estratégias de resistência frente às pressões do agronegócio e às omissões do Estado.

A pesquisa evidenciou que a comunidade mantém práticas camponesas e extrativistas tradicionais como base de reprodução social, ao mesmo tempo em que articula resistência coletiva organizada. O processo de titulação, iniciado em 2004 e ainda em tramitação, revela a raiz do problema, a ausência de imparcialidade diante de interesses conflitantes, com políticas públicas direcionadas preferencialmente aos grandes proprietários.

As mulheres quilombolas de Saco das Almas emergem como protagonistas dessa resistência, atuando na linha de frente da luta territorial e confirmando que o feminismo negro quilombola é uma força estruturante e não apenas um discurso.

Referências

AYRES, Genny Magna de Jesus Mota. Pretos, brancos e agregados em Saco das Almas. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 11 abr. 2026.

SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos. **A Balaiada no sertão**: a pluralidade de uma revolta. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Território. **GEOgraphia**, Niterói, v. 25, n. 55, e61073, 2023. DOI: 10.22409/GEOgraphia2023.v25i55.a61073. Disponível em: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2023.v25i55.a61073. Acesso em: 11 abr. 2026.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Camponeses, indígenas e quilombolas em luta no campo: a barbárie aumenta. In: CANUTO, Antônio; LUZ, Cássia Regina da; ANDRADE, Thiago Valentim Pinto (org.). **Conflitos no Campo Brasil 2015**. Goiânia: CPT Nacional, 2015. p. 28-43.

FURTADO, Marivania Leonor Sousa. **A alma da mangueira e suas raízes de sofrimento**: relatório antropológico do território quilombola Saco das Almas. São Luís, 2014.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Ideologia da decadência**: leitura antropológica a uma história da agricultura no Maranhão. Rio de Janeiro: Casa 8; Manaus: Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VIANA, Keliane da Silva. O processo de titulação de Saco das Almas: conflitos ambientais e territoriais no território. **Revista Piauiense de História Social e do Trabalho**, Parnaíba, ano 4, n. 7, p. 34-44, jul./dez. 2018.

Kerllyanesantos11@gmail.com, Vanderson2016rodrigues@gmail.com, lyandraf97@gmail.com;